

• Nacional

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia Brasil Para Lemgruber, queda do investimento externo é apenas temporária

por Nilo Sergio Gomes
do Rio

O clima no País é de investimentos. Tanto os resultados macroeconômicos quanto as tendências políticas são favoráveis à atração de novos capitais de risco. A economia caminha para estabilização no próximo ano, com inflação controlada e o crescimento econômico entre 5 e 7% ao ano. O chamado fenômeno do "desinvestimento" é temporário e não tem relação com questões domésticas, mas sim com a conjuntura internacional, principalmente o déficit comercial norte-americano e o aparecimento de novos competidores do Brasil na captação de recursos externos. Por isso, é um fenômeno o que ocorre hoje em todas as economias latino-americanas, e em alguns países da África, e não somente no Brasil.

Esse quadro positivo da economia brasileira foi traçado, ontem, pelos economistas Antônio Carlos Lemgruber, vice-presidente do Banco Boavista, e Eduardo Modiano, considerado um dos pais do cruzado e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio, para 120 empresários de companhias inglesas instaladas no País e representantes da Câmara Britânica de Comércio. Ambos defenderam medidas de ajustes no Plano Cruzado, porém deferiram na forma de sua implantação. Modiano defende um segundo choque, com o fim da escala móvel, o realinhamento de alguns preços, o aumento do Imposto de Renda retido na fonte e a redução nos gastos públicos, enquanto Lemgruber admite que tais medidas — que ele não cunha como "um segundo choque" — podem ser implantadas de forma gradual, já a partir das próximas semanas.

DESINVESTIMENTO

Tanto entre os empresários quanto entre os economistas — participaram também como convidados o vice-presidente do Estaleiro Verolme, Marcos Viana, e o editor de economia da Rede Globo de Televisão, Paulo Henrique Amorim — prevaleceu a noção de que o chamado fenômeno do "desinvestimento" tem ainda a ver com a mudança do controle acionário de muitas empresas multinacionais aqui instaladas, com duas consequências: uma, decisão de investir em outros mercados, e outra, de guardar no-

Antônio Carlos
Lemgruber

vas decisões para prosseguir seus investimentos.

"Esté é o processo que explica o fenômeno do desinvestimento", disse Lemgruber. Para ele, as incertezas existentes na economia interna estão-se dissipando e a última delas, a Constituinte, caminha, a seu ver, para uma hegemonia das forças políticas mais moderadas. Com a inflação controlada a níveis bem abaixo das médias anteriores ao Plano Cruzado, o principal fator inibidor dos investimentos externos seria quanto aos rumos da Assembleia Nacional Constituinte, já que o anteprojeto esboçado pela "Comissão dos Notáveis", presidida pelo jurista Afonso Arinos, como expôs o ex-presidente do Banco Central, vem sendo criticado pelos investidores estrangeiros pelo excesso de xenofobia.

RESERVA

Com a perspectiva de vitória das forças moderadas na composição da Constituinte, resta um último entrave, a reserva de mercado. Essa questão, como disse Lemgruber, será resolvida ao longo do tempo, não havendo, no momento, nenhuma expectativa de mudanças importantes nessa área. "A tendência é de que o País venha a aplicar uma abertura lenta e gradual no que se refere à reserva de mercado", afirmou, lembrando que a posição brasileira já é conhecida de todos.

O clima geral, portanto, é de investimento, como proclamou Modiano, que deu números: no segundo trimestre deste ano, a taxa de investimento na economia alcançou 19,5% do Produto Interno Bruto (PIB), um desempenho bem mais tranquilizador do que os 16 e 17% experimentados até fins de 1984, embora ainda longe dos 26% que animavam a economia de princípios da década de 70.